

Entre um colégio particular que deixa a desejar em muitos aspectos da formação e uma escola pública sucateada, um grupo de 20 pais de João Pessoa, na Paraíba, decidiu fazer uma opção diferente e tomar as rédeas da educação de seus filhos. "Procuramos o governo do estado e propusemos assumir uma escola pública, colocando em prática um projeto pedagógico nosso em troca da garantia de matrícula para nossos filhos", conta Lúcia de Melo, integrante do grupo. Os pais receberam sinal verde e, em oito anos, tornaram o Centro Estadual Experimental de Ensino e Aprendizagem em modelo para todo Nordeste.

O atendimento foi ampliado de 216 alunos em 1992, quando o grupo assumiu o comando, para 1.780 este ano. A evasão caiu para zero e a repetência é inferior a 2%. Com classes da pré-escola até o ensino médio, as vagas ficam divididas em 40% para filhos dos pais chamados cooperativados, que participam diretamente da administração, e 60% para estudantes carentes da periferia de João Pessoa.

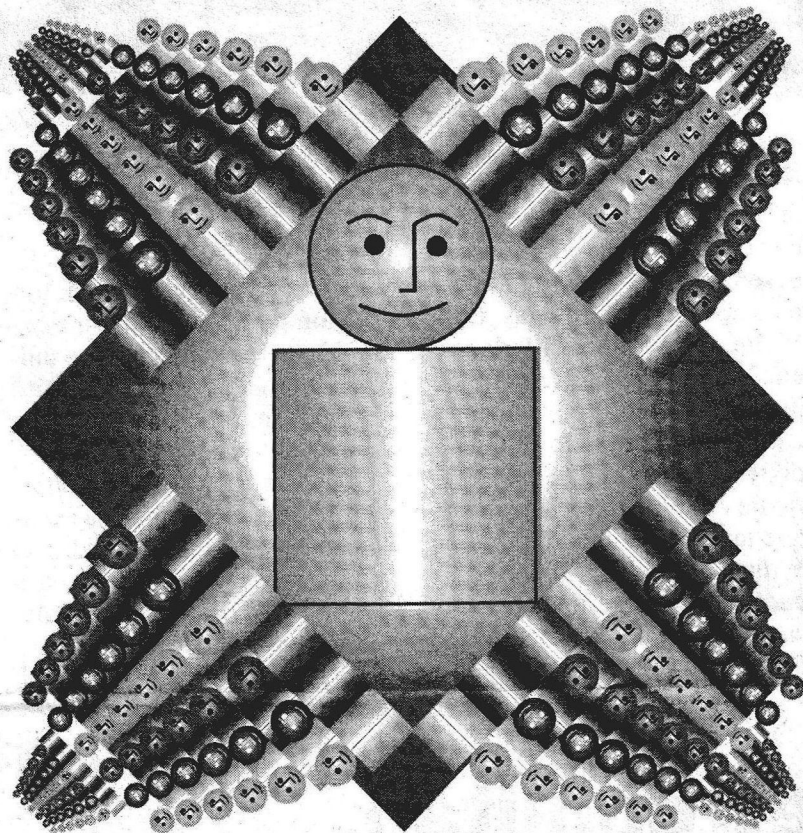
O número de famílias trabalhando na escola também aumentou muito de 1992 para cá, saltando de 20 para 300. "A reserva de vagas para os filhos dos cooperativados foi uma forma de atrair pais para o colégio e também mostrar que tínhamos tanta confiança no projeto que apostamos a formação de nossas crianças nisso", justifica Lúcia.

Parceria

Um dos resultados foi uma composição bem variada do corpo estudantil. A maior parte dos pais que integravam a cooperativa original tinham nível superior e, em muitos casos, trabalhavam como professores na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Os filhos dessas famílias vinham da classe média e alta da cidade. As vagas restantes foram preenchidas com o seguinte critério: quanto mais carente o aluno e sua família, maior a prioridade de matrícula. "Temos aqui estudantes cujas famílias encontram dificuldade até para fazer a feira mensal", diz Lúcia. Os pais que fazem parte da cooperativa contribuem com R\$ 30 mensais para ajudar na manutenção da escola.

Da relação de alguns pais com a universidade surgiu uma parceria muito importante para a escola. A cada quinze dias um time de profissionais da UFPB vai até o colégio para oferecer cursos aos seus 98 professores, a universidade também dá reforço e reciclagem nas áreas nas quais os professores apresentam dificuldade. Os próprios pais oferecem seus talentos e bagagem cultural nesse esforço de aperfeiçoamento constante.

Lúcia cita o caso da professora de inglês que tinha pouca fluência em conversação. Uma mãe que havia morado dois anos na Inglaterra, fazendo mestrado, resolveu



ajudar passando duas horas por semana na escola conversando em inglês com a professora.

Como era de se esperar a demanda por matrículas é enorme. Nos meses de novembro e dezembro a secretaria recebe uma média de 50 telefonemas por dia pedindo vaga no colégio. Mas os benefícios alcançados pela escola não ficam restritos aos seus alunos.

Muitas instituições públicas com problemas pedagógicos procuram ajuda no Centro Experimental. "Nós fazemos intercâmbio de professores para que passem por uma espécie de estágio aqui, também ajudamos a fazer um diagnóstico da situação da escola e propor alguns caminhos",

conta Lúcia. Todos os sábados o colégio oferece ainda revisão gratuita para o vestibular aos alunos da rede pública da cidade. Aos domingos costumam ocorrer eventos esportivos com a participação de outras escolas.

Notícias sobre o sucesso da administração dos pais se espalharam e várias comunidades do interior do estado, de Pernambuco, do Rio Grande do Norte e até de Fernando de Noronha tem mostrado interesse em seguir o modelo de gestão conjunta de governo e pais adotado em João Pessoa.

Mas a vida no Centro Experimental está longe de ser um mar de rosas. A escola enfrenta todos os problemas comuns na rede pú-

blica, principalmente a falta de recursos para manutenção e ampliação das instalações físicas. A diretora reclama de omissão por parte da Secretaria estadual de Educação que, segundo ela, tem lavado às mãos para a questão da manutenção da escola. "Com os programas do governo federal que passam dinheiro direto para escola, a secretaria acha que podemos arcar sozinhos com tudo", acusa Lúcia.

A diferença entre o Centro Experimental e outros colégios públicos é a atitude dos estudantes, pais e professores em relação a escola. "A comunidade descobriu que esse espaço é dela", comemora a diretora. Os comerciantes da cidade colaboram quando a escola precisa de algum material específico, doando coisas de escritório por exemplo. Os pais também ficam de olho em qualquer oportunidade de lucro para o colégio. Recentemente, a Receita Federal no estado modernizou toda sua rede de informática, um dos pais soube disso e correu para pedir os computadores velhos para a escola.

Chamando os alunos para participar da pintura e limpeza, a direção conseguiu acabar com a depredação e o vandalismo que assolam a maior parte da rede pública do país. Outro segredo para convivência pacífica no colégio, que há mais de três anos não registra qualquer ocorrência violenta: todas as regras que regem a vida escolar são discutidas e depois acordadas por todos. "Quando alguém quer burlar as regras os próprios alunos chamam a atenção porque foram normas estabelecidas por eles mesmos", contou Lúcia.